

Editorial

Neste número, a Revista *Latitude* traz trabalhos que podem ser vistos a partir de dois problemas de fundo em comum; de um lado, o problema acerca da relação entre os símbolos que moldam as emoções de pertencimento e a formação de hierarquias humanas. De outro, as mútuas tensões entre as expansões das lógicas do moderno mercado capitalista e das redes funcionais de serviços estatais na construção de estruturas societárias. São problemas que nos foram herdados de tradições de conhecimento anteriores, mas recentes, e que, com novas investigações empíricas e novas descobertas nos modos de relacionar os fenômenos, podem trazer mais novidades ao acervo de conhecimento da vida social.

Inicialmente, João Domingues busca, a partir da obra cinematográfica *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, uma compreensão de fenômenos de integração de grupos humanos estigmatizados ao mercado de bens artísticos e sua relação com a alteração das fronteiras simbólicas que demarcam as estruturas sociais de valorização e depreciação do valor humano. Realça a importância das políticas culturais como mecanismos que sustentam espaços de luta por dignificação social, tendo o Estado como incentivador do entretenimento, um dos sentidos através do qual são moduladas as referências para dinâmicas psíquicas relativas à elevação da estima e das rendas econômicas.

O trabalho de Martina Ahlert apresenta uma investigação sobre o valor das narrativas embasadas em memórias familiares na organização da vida doméstica, a partir de uma informante inserida em um movimento de transformação de um bairro na cidade de Porto Alegre –RS. Concentrou seu foco sobre as dinâmicas de valorização das coisas e das pessoas mediadas por filtros de memória exteriorizados no ambiente doméstico. Valendo-se de uma linguagem literária, descreve movimentos de transformação de um loteamento popular, articulando as imagens de alteração da paisagem extra-doméstica, com descrições fotográficas das coisas do lar, das pessoas evocadas pela memória impressa no ambiente, costuradas pela análise da trajetória de vida e pela narrativa de valorização familiar e de esperança, enunciada pela informante. Uma direção de investigação antropológica contemporânea, enovelada pelo compromisso com a dignificação dos projetos de vida de grupos enredados e limitados por rótulos depreciativos.

Melisa Campana apresenta, por sua vez, uma avaliação das noções de biopolítica e biopoder, elaboradas por Michel Foucault, tendo como pano de fundo as necessidades de investigação de fenômenos ligados à saúde pública como

mecanismo de segurança e de administração política, mas, simultaneamente, como modo de disciplinamento de gestos e hábitos e, porque não dizer, dos controles emocionais. Seu argumento central é o de que as noções de biopoder e biopolítica não se referem a níveis de realidade opostos e inconciliáveis, mas que estas noções podem ser úteis para abordagens que enfrentem o problema da integração entre as formas de regulação e controle disciplinar dos corpos e, simultaneamente, necessitem abordar as técnicas de administração da população, esta última encarada como um corpo político.

Já Marília Medeiros propõe uma revisão bibliográfica, orientada pela preocupação com a singularidade da adoção de modelos de organização do trabalho disseminados mundialmente tais como o taylorismo, o toyotismo, o fordismo, relacionando-os às dinâmicas do poder político e ao contexto de reestruturação produtiva no Brasil. Com esta revisão, pretende ter uma imagem da história das transformações das estruturas produtivas no desenvolvimento nacional brasileiro e acena para algumas das alterações que, a partir da reestruturação produtiva dos últimos tempos, permite-nos ter uma noção de algumas das tendências dos padrões de consumo contemporâneos e da situação da pobreza no Brasil.

O trabalho de Belmira Magalhães e Gabriel Magalhães mostra os resultados de pesquisas sobre os usos econômicos e políticos das políticas de cultura na contemporaneidade, focando especificamente a condição feminina, a partir de problemas normativos sobre a necessidade de igualdade entre grupos de gênero. Especificamente, os autores estão interessados na avaliação da política dos pontos de cultura, direcionados pelo problema das relações de dominação de gênero e etnia e as lógicas de reprodução da desigualdade.

Por fim, temos o trabalho de Miqueli Micheti que, manuseando a herança de conhecimento acerca dos processos de mundialização da cultura de Renato Ortiz, apresenta-nos uma análise sobre como os símbolos de pertencimento se tornam fontes de modelação e valorização de mercadorias avaliadas sob o sistema da moda, como um circuito de comércio cultural mundial. Dentre diferentes questões, mostra-se especialmente interessada nas formas de modelação dos sentidos de pertencimento como chave de inserção em estruturas de poder cosmopolitas, no interior das quais as funções de identificação são desempenhadas de acordo com a necessidade de racionalização estética de bens que, no caso, assume a forma de “moda brasileira”, território simbólico negociado e “descoberto”, nas lutas travadas nas arenas de mercado enoveladas pela indústria das novidades estática com a apresentação de si.

Desejamos que os artigos sejam úteis para as necessidades de conhecimento dos leitores. Lembramos ainda que a Revista *Latitude* é um periódico aberto à publicação de textos nas áreas de Sociologia, Política, Antropologia, Filosofia, História, além de receber estudos de áreas afins, comprometidas com o incremento de conhecimento sobre os fenômenos humanos, em distintas direções.

Os Editores.